

OutrOlhar: uma proposta pedagógica de jornal-laboratório cidadão

Joaquim Sucena Lannes¹

RESUMO: A prática laboratorial no curso de jornalismo é atividade das mais importantes na formação dos novos profissionais. Ela fixa o aprendizado teórico e a utilização das técnicas específicas da profissão. Torna-se mais importante ainda quando aliada a uma prestação de serviço à comunidade. O jornal *OutrOlhar*, do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa, desde 2007 adota uma Linha Editorial que objetiva não só o aprendizado da profissão de jornalista, mas também o desenvolvimento, pa-

ralelamente, de uma atividade que visa a estimular o gosto pela informação por meio da leitura, incentivando reflexões sobre questões cidadãs em jovens do ensino médio das escolas públicas do Município de Viçosa. Com isso, a metodologia adotada neste Projeto acadêmico, além de permitir a aplicação de técnicas jornalísticas às situações reais trabalhadas pelo jornal, ainda serve para propor uma reflexão e a discussão de assuntos de interesse de um público jovem e carente de publicações do gênero, sem o intuito comercial.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Jornal-laboratório. Jornalismo cidadão.

Jornais são janelas de papel, através dessas janelas, o aluno pode atravessar as paredes da escola e entrar em contato com o mundo e com a atualidade.

Jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo.
Maria Alice Faria

I. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o ensino do jornalismo no Brasil enfrenta contínuas críticas e questionamentos não só sobre a validade da formação para o setor, como também pela própria forma como se processa essa formação dentro das escolas que oferecem o curso.

Muito se tem falado, discutido, pesquisado e estudado sobre o tema em diversos âmbitos. O resultado, um emaranhado de opiniões e teses, ora convergentes ora divergentes que acaba gerando certa confusão e atitudes, por vezes, destoante daquelas consideradas de bom senso ou benéficas à profissão.

As críticas normalmente giram em torno de temas como: o elenco e

¹ Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Email: joaquimsucenalannes@gmail.com

conteúdo de disciplinas ofertadas nos currículos; carga horária mínima para a boa formação; o tempo de duração do curso; formas de avaliação; validade da formação em nível superior; ou ainda sobre prioridades de ênfase nos conteúdos teóricos ou práticos ministrados durante o curso.

Esta última questão, por sinal, uma das mais discutidas, relaciona-se diretamente com a polêmica da oferta dos espaços e atividades laboratoriais, e que, em muitos dos casos, praticamente inexistem ou são praticados de forma incorreta nas instituições.

Nos anos 1970, quando foi decretado o fim da obrigatoriedade do estágio para a obtenção do registro profissional, ficou evidenciado que a universidade deveria ser a responsável pelo treinamento prático dos estudantes postulantes ao mercado de trabalho no campo do jornalismo. O fato imprimiu a necessidade da implantação de espaços laboratoriais nos cursos, o que efetivamente só veio ocorrer anos mais tarde. Cabe, no entanto, lembrar que nas décadas de 30 e 60, respectivamente, Anísio Teixeira e Luiz Beltrão já tinham a mesma preocupação de integrar o ensino prático ao teórico nos cursos de jornalismo. À época, em ambos os casos, estratégias tiveram de ser criadas para que os objetivos das intenções fossem alcançados. Em alguns casos, convênios de estágios com empresas jornalísticas foram firmados para suprir as deficiências.

Atualmente, o quadro é este: as instituições que oferecem a atividade o fazem sem respeitar a legislação ou as condições técnicas mínimas necessárias para que a prática reverta em benefícios para o aluno ou para a profissão. Em muitos dos casos, as adaptações ocorrem a bel prazer e são voltadas para benefícios próprios ou divulgação institucional, como forma de burlar a legislação ou as indicações dos órgãos superiores (MEC) que orientam e fiscalizam o setor. Normalmente, as alegações para o não cumprimento das regras giram em torno das dificuldades no acompanhamento dos avanços tecnológicos, que demandam sistemáticos e pesados investimentos. Por esse motivo, muitas instituições acabam por sonegar aos seus alunos um direito e uma necessidade vital que interfere diretamente na qualidade daqueles que ingressam no campo profissional.

No nosso entender, os laboratórios e as atividades laboratoriais constituem uma fórmula vital de melhor atender às demandas do campo profissional, provocando no aluno reflexões sobre as questões profissionais, ainda nos bancos acadêmicos. Praticando em laboratórios, o estudante tem também a oportunidade de experimentar ou mesmo errar quando promove experiências. Coisa que, na prática de mercado, ele não terá a chance de deixar acontecer.

Segundo o eminente professor José Marques de Melo, um dos principais estudiosos e pesquisadores do campo comunicacional, em depoimento para a tese *Para uma pedagogia do jornal-laboratório* (VIEIRA JÚNIOR, 2002), por não disporem dos equipamentos ou dos espaços laboratoriais, “as primeiras gerações de profissionais diplomados para as tarefas noticiosas acumularam conhecimentos sobre as rotinas jornalísticas, mas não as exercitaram durante a vida acadêmica.” Por isso, chegaram ao mercado sem o devido treinamento acadêmico, fato este

que facilitaria muito o enfrentamento dos processos de captação, redação e edição dos fatos cotidianos.

O professor Marques de Melo é um dos que defendem a prática ainda dentro da universidade.

2. EVOLUÇÕES

As últimas décadas imprimiram profundas, velozes e contínuas mudanças ao campo do jornalismo, levando professores, pesquisadores, estudantes e profissionais a se defrontar com realidades diferentes e renováveis a cada dia. A notória evolução alcançada pelos avanços tecnológicos, voltados para o setor, trouxe uma necessidade premente de adaptações das pedagogias adotadas nas salas de aula.

Tal fato sinalizou ainda mais a necessidade de intensificação dos treinamentos em níveis experimentais, ou seja, a prática laboratorial. Afinal, o estudante deve estar cada vez mais familiarizado com as técnicas, rotinas e problemas da profissão para um desempenho técnico e ético mais próximo do desejável. Precisa dominar as linguagens específicas das diversas mídias disponíveis. Deve saber fazer a interligação entre as linguagens dessas mídias. Precisa conhecer os públicos para os quais produz. Deve conhecer as aflições, aspirações, sonhos e carências desse público para que possa desempenhar com mais fidelidade o papel de mediador das demandas sociais, contribuindo para divulgar a cidadania, o humanismo, a paz e o bem-estar da sociedade. E para isso precisa viver o jornalismo ainda dentro da universidade.

Ainda sob a luz do depoimento do professor José Marques de Melo para a tese de Vieira Júnior,

a renovação do ensino de Jornalismo se dá pela introdução de atividades práticas que reproduzem na Universidade os modos de produção peculiares à comunicação da atualidade. E que preparam os futuros repórteres e editores para a vivência integral dos mecanismos de geração da notícia ou dos comentários, bem como a dos impactos provocados junto a uma audiência concreta.

Profissionais bem preparados para o exercício da profissão necessitam pensar nela criticamente como atividade importante e necessária para a sociedade, ainda nos bancos acadêmicos. Precisam conhecer e dominar as técnicas específicas, tendo em vista a relevância que a informação e a comunicação conquistaram ao longo dos tempos, não só para a convivência, mas para a própria subsistência da humanidade. Além disso, precisam ter como base as questões éticas e legais para um desempenho digno e produtivo da profissão, coisas que a prática laboratorial ajuda a fixar e aprimorar, tendo em vista que trabalha com situações reais, assim como o mercado que em breve integrarão.

No jornalismo impresso, a principal atividade prática é o jornal-laboratório — área a que dedico minhas atividades de ensino-pesquisa e extensão dentro da academia. Desde que assumi o primeiro veículo laboratorial em uma universidade,

procurei me espelhar no pensamento, obras e experiências de outra eminente figura que dedicou grande parte de sua trajetória às pesquisas e práticas com jornais-laboratório. Trata-se do professor Dirceu Fernandes Lopes, um jornalista autor de obras que versam sobre o tema.

Para ele, “a utilização de jornais laboratoriais ajuda a transformar alunos em profissionais críticos e éticos, tendo em vista que as atividades voltadas para a sua produção permitem maior reflexão sobre a prática jornalística e sobre a utilidade da atividade para a sociedade.” (LOPES 1989, p.15).

Devido ao fato de as leis brasileiras não reconhecerem o estágio no setor, Lopes lembra que o jornal-laboratório se torna uma das poucas opções de que os estudantes dispõem para colocar em execução os conhecimentos teóricos, aprendidos no elenco de disciplinas técnico-profissionalizantes. Além disso, o veículo laboratorial constitui um forte elemento de motivação no curso de jornalismo, uma vez que nele o estudante adquire o entendimento sobre a linha editorial, a importância da produção voltada para o público-alvo, os processos de prospecção, seleção, redação e tratamento das informações jornalísticas, edição, detalhes sobre projeto gráfico, além de estratégias sobre paginação, diagramação e acompanhamento gráfico, além da distribuição.

Sob o ponto de vista pedagógico, parece não haver dúvidas da imprescindibilidade do jornal-laboratório para o aprendizado de Jornalismo, principalmente em países como o Brasil, onde a legislação trabalhista veta o estágio em empresas jornalísticas... (LOPES 1987, p 16)

O professor Dirceu ressalta também que, ao lidar com situações e problemas reais, a prática laboratorial proporciona ao estudante reflexões importantes sobre a profissão que ele está abraçando:

Ao jornal-laboratório pode-se creditar uma mudança significativa na apreensão da competência profissional pelos jovens estudantes que optaram pelo ingresso no jornalismo através dos bancos universitários. (LOPES, 1987, p.11)

Em suma: por meio da prática laboratorial, o estudante vai compreender melhor o que é um jornal, o que é o jornalismo e o que faz o jornalista e como ele deve se portar no seu dia a dia, bem como sua importância para a sociedade. Ainda, para o professor Dirceu, o jornal-laboratório é uma experiência que, aliada a uma necessária formação humanística, pode preparar melhor o candidato para a profissão.

Mesmo em um cenário, no qual desponta um horizonte com certa tendência de liberação dos estágios, e o fato está praticamente em uso em diversos Estados brasileiros, a produção de jornais acadêmicos (de cunho laboratorial) é a melhor forma de não expor os estudantes, ainda sem a devida experiência, a de-

terminados problemas e acidentes que podem ocorrer no dia a dia profissional. A prática acadêmica, ainda supervisionada por professores e orientadores, diminui os riscos e previne os percalços com que nos defrontamos no exercício profissional.

Ou seja, o jornal-laboratório constitui a forma mais eficaz de simular situações orientadas e calculadas num momento em que o estudante ainda não está totalmente lapidado ou preparado para enfrentar situações do cotidiano da profissão.

3. A EXPERIÊNCIA NA UFV

Assumi as atividades do jornal *OutrOlhar*, órgão laboratorial impresso do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, em janeiro de 2007, um ano após o ingresso na UFV. Desde então, procurei levar em consideração diversos aspectos que possam transformar uma simples atividade acadêmica em trabalho útil para todos os lados envolvidos. Ou seja, que a publicação possa servir aos nossos estudantes, em termos de aprendizado, que possa atender aos objetivos de um órgão laboratorial impresso de jornalismo, em prol de uma boa formação para o setor, e que, de alguma forma, possa também servir a um público-alvo previamente escolhido e carente de publicações voltadas para esta faixa. Dessas variantes surgiu o Projeto Editorial *OutrOlhar*. Este ano, ele está completando quatro anos e acabou de receber o maior reconhecimento externo: três prêmios na fase regional do maior evento acadêmico no campo da Comunicação Social do país, O Intercom, realizado em Vitória em maio de 2010.

Vale ressaltar que o jornal-laboratório já existia desde dezembro de 2003, quando circulou a edição número 1. A orientação à época era dos professores Adriana Araújo, Débora de Carvalho e Elson Rezende de Mello. A linha editorial da primeira fase dava ênfase aos assuntos gerais da cidade, tal e qual os jornais circulantes da região.

Desenvolvido com o objetivo de formar profissionais de jornalismo com uma visão cidadã da notícia ou da prática jornalística, encontramos no Projeto *OutrOlhar* uma valiosa ferramenta que une aprendizado e informação de interesse, ao mesmo tempo voltada para um público específico e carente de conhecimento: os estudantes do nível médio das escolas públicas do município de Viçosa (MG).

No meu entender, os alunos dessa faixa etária são sempre cheios de dúvidas e geralmente não encontram brechas para dirimir suas questões no núcleo familiar. Além disso, as escolas públicas são carentes dos recursos financeiros que possibilitam materiais para suprir as deficiências de leitura ou informação necessária a esses jovens, que acabaram se transformando em nosso público-alvo.

A ideia inicial foi promover o estímulo à leitura pela veiculação de temas cuidadosamente escolhidos a partir de pesquisa realizada junto a esse público. Tal cuidado também se estendeu à redação dos textos que, embora ainda não estejam dentro do ideal, procuram utilizar uma linguagem coloquial e usual dessa faixa etária. Tudo isso sem deixar que as matérias caíam nos tons professorais e na retórica monótona que, certamente, levam o desinteresse e o desestímulo à leitura.

Como vem demonstrando o presente artigo até aqui, a prática do jornal-

-laboratório tem por objetivo central proporcionar ao estudante de jornalismo a visualização das técnicas da profissão, por vezes expostas repetidamente ao longo dos vários conteúdos das disciplinas que compõem o acervo do Curso. Repetições que acabam se transformando em rotina enfadonha e desinteressante anulando o real valor pedagógico das disciplinas ministradas.

Ao contrário de uma boa parcela de jornais acadêmicos, desde a reformulação do Projeto *OutrOlhar*, procuramos tomar o máximo de cuidado para que nossas edições não fossem fadadas aos balcões dos diversos setores da UFV. Ou que simplesmente viessem servir para amaciar o ego de alunos e professores perante seus familiares ou colegas, e em outros casos, até para servir de veículo útil à Universidade ou aos seus interesses mercadológicos.

Em minha concepção, o jornal deve ser direcionado apenas aos objetivos reais para que o estudante possa não só praticar e dominar as técnicas jornalísticas, mas também medir a importância da responsabilidade do desempenho profissional e das implicações advindas dessa prática.

Ao optar por uma circulação dirigida, atribuí aos nossos alunos o desafio de atrair um público, muitas das vezes, sem acesso à leitura por falta de oportunidade ou hábito ou mesmo por desinteresse. A sociedade está repleta de exemplos reais como estes.

Um dos traços marcantes da evolução cultural brasileira é sem dúvida a resistência à leitura. Somos um país onde pouco se lê. De um lado, o problema reflete a marginalização social a que tem sido condenada a maior parte da nossa população, vivendo em condições tão precárias que o consumo de produtos culturais, como os impressos, constitui um luxo desmedido, principalmente para quem precisa lutar todo dia pela comida, pela roupa, pela habitação. (MARQUES DE MELO, 2006, p. 161)

Está mais que provado que a informação é um bem que, produzido e difundido corretamente, pode acabar com diversos problemas que hoje infestam o nosso dia a dia social. Assim, cabe aos futuros profissionais não só dominar as técnicas de sua profissão, como também compreender a importância da atividade que irão abraçar no contexto da sociedade.

Como formadora do cidadão, se a leitura for bem conduzida, ela prepara leitores experientes e críticos para desempenhar bem seu papel na sociedade. (FARIA 2006, p. 11)

Ao assumir a prática laboratorial impressa na Universidade Federal de Viçosa (UFV), refleti muito sobre como poderia fazer dela algo mais útil não só para os nossos orientandos como também para a sociedade local. A conclusão foi que cada grupo (turma) responsável pela produção do veículo deva pensá-lo de forma total e completa, antes de pôr em prática as técnicas de prospecção, redação, edição e distribuição. A primeira turma sob minha orientação – a de 2005, que iniciou os trabalhos no *OutrOlhar* em 2007 – imergiu em reflexões e ideias, advindas

dos resultados de pesquisas de campo, por mim orientadas, para definir primeiro o público alvo. Numa segunda etapa, reunimos e analisamos as informações por meio de *brainstorming* – tempestade de ideias – para a formatação do Projeto. Esta técnica permitiu que muitos palpites e ideias surgissem. Aos poucos, porém, por meio de análises e reflexões descartamos uma grande parte destas ideias, ficando apenas com aquelas que formataram o projeto inicial. Quando me refiro ao projeto inicial, assim o faço tendo em vista que o Projeto *OutrOlhar* não é estático e nem definitivo. Anualmente, diversos pontos são repensados e refletidos, permitindo, dessa forma, a abertura de espaços para redirecionamentos ou reconfigurações que nos coloquem cada vez mais próximos dos nossos leitores.

O grande desafio lançado ao grupo foi não repetir as práticas dos jornais locais, que, além de periodicidade regular e mais curta do que a do *OutrOlhar*, têm ainda uma tiragem muito mais significativa que o jornal-laboratório. Esses veículos contam com uma infraestrutura institucional diferente da acadêmica, além de mais facilidades financeiras do que as encontradas no curso de uma universidade pública como a UFV.

Paralelamente, levanto sempre aos estudantes o fato de que ao produzir um jornal-laboratório não podemos fazê-lo apenas por diletantismo ou para cumprir com uma determinação dos órgãos oficiais reguladores, pois, afinal, a produção jornalística, mesmo a laboratorial, nas universidades federais, envolve verba pública, que, no meu entender, deve ser utilizada e gerida de forma produtiva e útil.

Assim, o jornal *OutrOlhar*, como atividade acadêmica, pela primeira vez na Universidade Federal de Viçosa-UFV ultrapassou os portões da academia para levar notícias e informações valiosas até os alunos do ensino médio das escolas públicas da região.

A escola, como toda instituição, é um estabelecimento relativamente fechado e nela os alunos recebem (ou deveriam receber) instrução e formação. Dado o anacronismo, em parte inevitável, de sua estrutura e dos programas, os alunos ficam ali isolados da sociedade que evolui à sua volta. Um dos principais papéis do professor seria, pois, o de estabelecer laços entre a escola e a sociedade. Ora, levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola. (FARIA, 2006, p. 11)

A ampla discussão e reflexões propostas aos estudantes durante o processo de formatação do *OutrOlhar*, sob a minha orientação, provocaram mudanças e também a revitalização do Projeto do nosso veículo-laboratorial do Curso de Jornalismo da UFV.

O *OutrOlhar*, que desde suas primeiras edições ganhou esse título justamente por objetivar trabalhar uma visão diferenciada da informação, faz hoje parte do dia a dia dos alunos do Ensino Médio da rede pública de Viçosa (MG). Até aqui foram 23 edições publicadas do veículo, as 15 últimas direcionadas a este novo público, com uma nova Linha Editorial.

O Projeto foi criado com base em pensamentos e reflexões críticas de autores renomados como Dirceu Fernandes Lopes, José Marques de Melo, Vieira Júnior, Maria Alice Faria, Jorge Kanehide Ijuim, Roseli Araújo Batista, entre outros. Baseado nas discussões desses autores, que com suas obras muito contribuíram e contribuem para uma reflexão crítica dessa atividade tão importante, que é a orientação de nossos estudantes para um desempenho profissional íntegro, reto e competente, surgiu o Projeto que marca essa nova fase do *OutrOlhar* na UFV.

Ao elaborar o novo Projeto, objetivei, entre outras coisas, extrapolar e inovar os intuítos pedagógicos da atividade e ainda aproximar Universidade e o Curso da comunidade com benefícios para ambas as partes.

No meu entender, o aluno ganha muito com a prática do jornalismo impresso em uma atividade laboratorial, aprendendo desde a ética na produção e edição da notícia, até a minuciosa escolha dos assuntos, de acordo com sistemáticas pesquisas e contatos diretos com o público-alvo, durante a distribuição das edições. Ou seja, produzindo um veículo para o interesse e agrado de um público específico.

O contato do nosso estudante com o público-alvo, para a distribuição das edições, permite o *feedback* – retorno – que o faz medir a satisfação pelas edições já concluídas e revela as expectativas e anseios por aquelas edições que estão sendo produzidas.

Paralelamente, ao produzir um jornal-laboratório direcionado e cuidadosamente elaborado de forma especial para um público dirigido, estamos incentivando o público ao hábito da leitura, à utilização da informação no seu dia a dia, à interpretação dos textos apurados e escritos com este objetivo e, dessa forma, ajudando a ampliar o conhecimento de assuntos de real interesse para a vida dessa faixa estudantil.

Da mesma forma, posso afirmar que o Projeto *OutrOlhar* traz ganhos também para os professores da rede pública, que, igualmente, são ouvidos sistematicamente por nossos estudantes e passaram a utilizar esta ferramenta para auxiliar no conteúdo de suas aulas. Diversos professores passaram a adotar o *OutrOlhar* em sala de aula. Outros têm nos procurado periodicamente para que suas escolas sejam incluídas no processo.

A leitura de jornal oferece, ainda, um contato direto com o texto escrito autêntico (e não com textos preparados apenas para serem usados na escola). Desenvolve e firma a capacidade leitora dos alunos; estimula a expressão escrita dos estudantes, que aprendem com o jornal a linguagem da comunicação para transmitir suas próprias mensagens e informações. (FARIA, 2006, p.12)

Hoje, de um modo geral, ainda que a passos lentos, universidade e sociedade tentam mudar o paradigma de que caminham paralelamente, fingindo a não existência uma da outra. No meu entender, a universidade deveria ser mais presente e desempenhar funções mais consistentes dentro da sociedade, ultrapassando o seu papel de formadora e educadora. Neste caso, transformando as atividades práticas

laboratoriais, desenvolvidas pelos estudantes nos seus diversos cursos, em práticas em prol da sociedade.

Penso que, dessa forma, convivendo com a realidade do outro lado do muro, o aluno pode tornar o ensino mais qualitativo, menos formal e certamente muito mais atrativo e objetivo para aqueles que ingressam nos cursos ainda em idade tenra e sem saberem direito os valores e requisitos da profissão que escolheram.

O processo ensino/aprendizado, envolvendo a perfeita sintonia entre teoria e prática, tem esbarrado em algumas situações que, ao invés de incentivar sua implementação, acabam por jogar por terra as boas intenções das poucas IES que adotam tais práticas em seus Projetos Pedagógicos.

A linha adotada pelo *OutroOlhar*, acrescida de outras ideias criativas incorporadas em uma ampla discussão a respeito, poderia contribuir para acabar com o suplício de professores, coordenadores e dirigentes das IES, que, em alguns casos, transformam a prática laboratorial, no curso de jornalismo, mais precisamente a prática do jornal-laboratório, em verdadeiro caos ou utopia. A falta de criatividade ou vontade por vezes supera o medo das inovações e torna o curso maçante e sem o verdadeiro sentido que lhe compete: formar novos quadros pensantes e atuantes para a profissão. Sem uma orientação direcionada para o seu objetivo fim, tais veículos acadêmicos acabam se transformando em recantos de discussões filosóficas e/ou partidárias, para satisfazer o ego de estudantes ou os desejos pessoais do professor/ coordenador responsável, fato este há muito refletido pelo nosso mestre Dirceu Fernandes Lopes da ECA/USP.

Em muito dos casos, as edições dos veículos se transformam até em tribunas de discussões sobre problemas do curso, seus dirigentes e também acabam tratando de litígios entre estudantes, professores e as IES, fugindo totalmente dos objetivos propostos para o seu funcionamento, como nos mostra Marques de Melo em suas reflexões sobre o assunto.

Segundo Vieira Júnior (2002),

a prática do jornal-laboratório é uma chamada travessia do processo teoria-prática para o agito de uma redação empresarial”. Ainda para ele, “é função do jornal laboratório, dentre outras, indicar caminhos ao estudante para que fuja do mundo-redutor da sala de aula, que só o faz reconhecido pelos seus pares, do ambiente rotineiro e fechado da universidade.

Em Dirceu (1989), “a importância do órgão laboratorial está, principalmente, em não apenas fazer, mas refletir sobre o fazer. Essa reflexão e essa crítica sobre a prática profissional contribuem para a articulação teoria-prática desenvolvida nos órgãos laboratoriais”. Teoria esta que foi uma das bases inspiradoras do Projeto de Revitalização do *OutroOlhar*.

O pensamento em torno do tema pode ser bastante ilustrado por nosso grande mestre José Marques de Melo (1974), que, sistematicamente, preconiza a necessidade de inovar a prática do ensino de jornalismo nas IES. Segundo ele,

essa renovação se dá pela introdução de atividades práticas que reproduzem na universidade os modos de produção peculiares à comunicação de atualidades e que o jornal-laboratório não deve ser tratado como um mero exercício escolar, confinado às paredes de sala de aula ou realizado para atender à autoafirmação literária dos estudantes, se convertendo numa atividade pedagógica socialmente relevante.

4. O VEÍCULO LABORATORIAL

Refletindo sobre todo o acervo de problemas aqui analisados e a partir da experiência pessoal em órgãos laboratoriais, em diversos cursos do país, nos quais desenvolvi a coordenação e supervisão desse tipo de atividade, bem como nos ensinamentos preconizados pelos professores acima citados (todos *experts* no assunto), resolvi partir para uma proposta nova, mais objetiva, prática, produtiva, que pudesse atender à tentativa de resolução analisada até aqui.

Assim, surgiu o novo *Outro Olhar* sob a forma de Projeto Completo e Cidadão, partindo da pesquisa direta com os alunos e professores do ensino médio para a prática jornalística técnica e eticamente direcionada. Dessa forma, chegamos a uma Linha Editorial e a um Projeto Gráfico adequados que objetivam informar, atrair e prender o interesse e a atenção dos leitores desde a edição teste, realizada em 2007. No meu entender, trata-se de um Projeto Cidadão que une a formação do futuro profissional a serviço da comunidade.

Na UFV, a atividade é ministrada em duas disciplinas estrategicamente localizadas no quarto e quinto períodos da estrutura curricular vigente, de modo que todos os alunos do Curso passam pela redação do jornal-laboratório. Anteriormente, o veículo, sob a orientação de outros professores, mantinha uma linha geralmente idêntica à adotada em outras IES. Ou seja, trabalhando assuntos gerais no mesmo estilo adotado pelos jornais locais que já fazem esta abordagem. Os resultados anteriores não podem ser descartados e nem inferiorizados, uma vez que cada professor-orientador tem uma visão e um método pedagógico próprios, embora o objetivo da atividade seja único: a prática jornalística laboratorial com objetivos de fixação das técnicas jornalísticas.

Ressalto, no entanto, que, ao adotar essa nova prática, acabei por direcionar a produção e o estudo da importância da atividade jornalística num Projeto que atende aos objetivos desejados pelos órgãos oficiais reguladores, aos anseios dos alunos, além de facilitar a pedagogia em prol do ensino da atividade e ainda prestar um serviço de real importância à sociedade local.

A edição-piloto, que circulou em fevereiro de 2007, imediatamente conquistou excelentes resultados, tanto no seu visual como no conteúdo. Os esforços acabaram se refletindo também internamente com a aprovação dos demais alunos do curso, professores e dirigentes da Universidade.

5. O PROJETO CIDADÃO

A ideia do Projeto Cidadão fez com que os alunos pudessem pensar

em todos os aspectos em que gravita a proposta, sob uma ótica pedagógica minuciosamente cuidada para que não se afastasse do estilo jornalístico, ao mesmo tempo atendendo à comunidade. A cidadania foi a temática central escolhida, a qual permanece até hoje. Contudo, optou-se por abordá-la, aliando sua essência a assuntos relacionados à cidade, esporte, lazer, saúde, ciência, entre outros, tudo com ingredientes ao gosto do público-alvo e de forma a proporcionar uma ótica diferenciada do chamamento sensacionalista normalmente verificado nos jornais locais. Não deixamos de utilizar títulos criativos, fotografias, ilustrações, infográficos, enfim, todo um acervo e atrativos que contribuem para a valorização da informação, dando a ela o sentido jornalístico com fortes elementos didáticos. Tudo discutido e produzido pelos alunos dentro de um cronograma até certo ponto rígido.

Figura 1 – Exemplos do jornal-laboratório



Partindo da temática central do jornal (cidadania), promoveu-se uma primeira reunião com a turma de alunos no início do semestre. Nela, foi realizada uma espécie de *brainstorming*, tempestade de ideias, na qual foram relacionadas diversas sugestões em cima da provocação inicial de se trabalhar um público específico, de forma didática e, de preferência, carente deste tipo de produto que suscite conhecimento, reflexão e discussão. Chegou-se à conclusão de que os alunos do Ensino Médio das escolas locais que, normalmente, não têm a leitura como um hábito, seriam um público interessante. Dessa forma, criou-se uma espécie de desafio a ser conquistado a partir da implementação do Projeto. A falta de gosto pela leitura e de conhecimento, além da dificuldade de interpretação, são grandes problemas do alunado que ingressa nos cursos superiores no país atualmente. Esses problemas são herdados dos níveis inferiores de ensino. Minimizá-los em âmbito local e de forma experimental também faz parte dos nossos objetivos.

Paralelamente, uma grande preocupação do jornalismo atual é o decréscimo de leitores de jornais e revistas impressos, visto o advento das novas mídias eletrônicas. No entanto, ao utilizar a mídia impressa como plataforma, estamos ainda trabalhando um possível leitor do futuro. Muitos deles ainda não têm acesso aos computadores ou à internet em suas residências ou mesmo nas escolas.

A existência de inúmeros colégios de nível médio na região (públicos e privados) foi outro problema detectado. Atender a todos seria praticamente impossível com a tiragem limitada que varia entre 1.500 e 2 mil exemplares por edição. Assim, optou-se por afunilar ainda mais o direcionamento do veículo, destinando-o somente à rede pública local, reconhecidamente mais carente de material didático dirigido aos seus estudantes. Diga-se de passagem, muitas dessas escolas não dispõem nem de instalações adequadas para o ensino, fato este constatado por nossos estudantes de jornalismo, que fizeram e fazem visitas regulares aos citados estabelecimentos para conhecimento prévio da realidade do público-alvo em seu ambiente escolar.

No sentido de trabalhar com dados concretos, professores e estudantes dessas escolas também foram ouvidos em pesquisa metodologicamente orientada, cujos resultados foram valiosos para se trabalhar a edição-piloto e demais edições. Através das entrevistas, detectamos gostos, pontos de interesse comum, anseios e deficiências, entre outros, que nortearam o processo de planejamento, elaboração e edição. Alguns dos professores contatados nos mostraram qual tipo de conteúdo editorial gostariam de trabalhar no dia a dia.

Há de se notar que, participando integralmente de todo o processo, o aluno de jornalismo envolvido com as atividades de jornal-laboratório aprende não só a utilizar as técnicas jornalísticas, como também a conhecer melhor os seus públicos, objetivos da publicação e, enfim, a pensar no processo como um todo e em sua importância para o bem-estar da sociedade e humanidade.

A construção do referido Projeto, além de atender plenamente às diretrizes do MEC e também aos ideais acadêmicos, ainda contribui para que o futuro profissional ganhe uma visão universal cidadã dos acontecimentos, interprete com seriedade o sentimento coletivo (não se faz jornal sem o espírito coletivo), consolide uma posição ética que vai nortear toda sua produção e compreenda a importância do jornalismo na articulação de uma sociedade igualitária, tal qual nos relata o professor Antônio Vieira Júnior em seu *“Manual de Jornal Laboratório”* (1998).

Da mesma forma, ao adotar tal sistemática, pensamos estar auxiliando a sociedade em uma de suas carências há muito abandonadas pela administração pública hoje visivelmente falida e sem condições de prestar um bom atendimento.

Trata-se de um experimento que, apesar de utilizar técnicas específicas da profissão, não pretende reproduzir, copiar ou seguir modelos já adotados pelas empresas jornalísticas tradicionais. É dentro dos cursos que se deve experimentar, inovar, ousar e criticar para com isso conhecer melhor a profissão, executando-a de maneira diferenciada e mais responsável.

No encerramento de nossas reflexões, voltamos a afirmar que a aproximação da universidade com a sociedade é importante e imperiosa porque ajuda a

pensar e a testar soluções de problemas através das técnicas profissionais, além de contribuir com diminuição da distância entre a formação profissional e o mercado de trabalho.

O Projeto *OutrOlhar*, já testado, vem obtendo resultados dos mais significativos. Nascida de reflexões, como as tecidas ao longo do presente texto e propostas por nós aos alunos, a atividade aproveita para canalizar as atenções e energias dessa nova geração de profissionais que vem sendo formada para a importância e a necessidade de um jornalismo numa sociedade há muito carente de atenção das autoridades e desprovida dos recursos necessários para uma vida melhor.

O Projeto não é fechado e deverá sofrer ajustes necessários sempre que forem detectadas falhas dos resultados obtidos em cada edição ou sempre que um novo grupo com novas ideias assumir as funções de pensar e produzir o informativo laboratorial da UFV.

Para finalizar, o *OutrOlhar*, assim como outras experiências de igual valor que conhecemos em diversas partes do País, vem, gradativamente, encontrando formas de mostrar para os críticos da prática jornalística na academia que os jornais-laboratório também podem fazer a diferença na formação, indo ao encontro das discussões a respeito da prática jornalística na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo, Summus, 1989.
- _____. Para uma pedagogia do jornal-laboratório. *Cadernos Posgrad – Comunicação – Cadernos de Pós-Graduação da Universidade Católica de Santos-UniSantos*, nº 1. Santos, Editora Universitária Leopoldianum, dezembro de 2001.
- JÚNIOR, Antônio Vieira. *Uma pedagogia para o jornal laboratório*. Tese apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Ciências da Comunicação, área de concentração Jornalismo, sob orientação do prof. Dr. Dirceu Fernandes Lopes. 2002.
- MARQUES DE MELO, José. (Org.) *Normas de redação de cinco jornais brasileiros*. São Paulo, Com-Arte/ECA/USP, 1974.
- _____. *Teoria do Jornalismo – Identidades Brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. *Como usar o jornal na sala de aula*. 10 ed. – São Paulo: Contexto, 2006
- BATISTA, Roseli Araújo. *Mídia e Educação – Teorias do jornalismo em sala de aula*. Brasília: Thesaurus, 2007
- IJUIM, Jorge Kanehide. *Jornal escolar e vivências: roteiro de viagem*. Bauru:EDUSC; Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2005.